

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, nr. 19

Ano de 1969

João Alfredo Rohr, S. J.

PETROGLIFOS DA ILHA DE SANTA CATARINA E ILHAS ADJACENTES



INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S. J. — Diretor

Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica

João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia

— — — —

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

— — — —

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

— — — —

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

We ask for exchange with publications of similar character.

PETROGLIFOS DA ILHA DE SANTA CATARINA
E
ILHAS ADJACENTES

*Pe. João Alfredo Rohr, S.J.**

OS PETROGLIFOS, LITOGlifOS
OU
INSCRIÇÕES RUPESTRES

Os PETROGLIFOS, LITOGlifOS ou INSCRIÇÕES RUPESTRES podem ser considerados como que o despertar da arte nas selvas e os primeiros ensaios artísticos do homem primitivo.

Na voz do povo, os petroglifos são chamados letreiros e a pedra do letreiro toma o nome de Itacoatiara.

Existem itacoatiaras esparsas por todo o mundo e Koch-Grünberg, em "Südamerikanische Felszeichnungen", faz resenha das existentes na América do Sul. Também Spix e Martius, entre os escritores mais antigos e Alcio

(*) Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.
Enderêço: Museu do Homem do Sambaqui - Caixa postal, 135 - Florianópolis, SC, Brasil.

ne Costa, Anibal Matos e Alfredo Brandão, entre os mais recentes, ocupam-se das inscrições rupestres. Aliás conhecidas nos meios científicos são as interessantes monografias do Prof. José Anthero Pereira Junior, que, durante anos, vem-se ocupando do estudo das inscrições rupestres.

No decurso do ano de 1968, em visitas sucessivas e sistemáticas, fizemos cópia fiel, em tamanho natural, dos petroglifos, existentes na Ilha de Santa Catarina, na Ilha de Pôrto Belo, na Ilha do Arvoredo, na Ilha do Campeche e na Ilha dos Corais. Foram copiados e documentados, fotograficamente, acima de quarenta metros quadrados de gravações rupestres.

Para fins de cópia e documentação, re-tocamos os petroglifos, preliminarmente, com giz branco. Cobrindo-os, a seguir, com papel transparente, copiamos os contornos, por meio do "pincel atômico". No laboratório tornamos a copiá-las, em papel vegetal, que permite multiplicações hélio-gráficas.

Estas cópias permitirão, ao arqueólogo, estudar comodamente os petroglifos, sem ter necessidade de empreender viagens, às vezes não destituídas de perigo, a ilhotas rochosas de acesso difícil, mesmo depois de os petroglifos terem, parcialmente, desaparecido, devido ao descascamento natural da rocha ou vandalismo inescrupuloso dos caçadores de tesouros.

Os petroglifos acham-se localizados, de preferência, nos paredões verticais de diabásio negro das praias mais furiosamente trabalhadas pelos vagalhões do oceano. Afastados das praias encontramos petroglifos, apenas, na Ilha de Pôrto Belo.

Os petroglifos acham-se gravados na superfície da rocha, alcançando, no máximo, três milímetros de profundidade por trinta milí-

metros de largura máxima. A superfície interna dos frisos, entalhados na rocha, geralmente, é apenas picoteada e áspera ao tato. Algumas vezes é polida e lisa ao tato.

Em certas áreas do paredão os petroglifos são, facilmente, visíveis a certa distância. Em outras áreas acham-se, apenas, fracamente delineados, sendo visíveis, tão somente, ao olhar mais atento e perscrutador.

Entre os motivos de desenho mais frequentes, nos petroglifos, podemos citar, círculos concêntricos; conjuntos, uma vez de retas paralelas, outras de linhas onduladas paralelas, ou ainda de linhas quebradas ou zigue-zagueadas paralelas; conjuntos de figuras ovóides ou triangulares cheias de quadriláteros irregulares e, finalmente, figuras estilizadas de homens e de animais.

Os mesmos motivos repetem-se em conjuntos os mais variados, nas diferentes ilhas. Sinal que os petroglifos das diversas ilhas são produto de uma e a mesma cultura ou grupo cultural.

Certos motivos, como por exemplo linhas onduladas paralelas, linhas em zigue-zague, paralelas, são algo semelhantes às decorações existentes nas grandes urnas funerárias de tradição guarani. De modo que Menghin admite que não é excluída a hipótese de as inscrições rupestres das ilhas serem de origem tupi-guarani¹.

Ponto obscuro e problemático é o significado e a interpretação dos petroglifos.

Certamente não constituem uma espécie de escrita ou alfabeto secreto e desconhecido.

(1) PAIDEUMA - Mitteilungen zur Kulturkunde - Band VII, Juli 1961, pg. 384.

Caso os motivos de desenho não pas-
sassem de um conjunto de pontos ou figuras i-
dênticas, poderiam representar uma espécie de
numeração ou datação de fatos importantes na
vida do Índio, gravados e perpetuados na ro-
cha. Entretanto, tais grupos de motivos idênti-
cos formam, apenas, pequena parcela dos petró-
glifos existentes em determinadas áreas.

Ingênua se nos afigura, outrossim,
a concepção de pessoas pouco instruídas que
querem divisar nos petroglifos roteiros secre-
tos de tesouros escondidos ou marcos de navios
naufragados. Além do mais, esta interpretação
acarreta um grande mal, porque conduz à des-
truição de muitos destes preciosos monumentos
pré-históricos. Assim, na Ilha de Pôrto Belo e
na Ilha do Campeche, parte dos petroglifos fo-
ram destruídos, a dinamite, pelos ingênuos ca-
çadores de tesouros. O mesmo sucedeu com parte
dos petroglifos existentes em Caxambu do Sul,
no oeste catarinense, próximo às margens do
Rio Uruguai. Aquêles petroglifos representam
mãos e pés humanos, bem como figuras de mamife-
ros gravados na rocha. A rocha foi dinamitada,
abrindo-se uma brecha de mais de dez metros de
profundidade. Também em Urubici foram abertos
grandes poços ao pé de uma rocha coberta de pe-
troglifos. Felizmente, naquele sítio, o traba-
lho dos buscadores de ouro não afetou os petró-
glifos, os quais, por ora, acham-se intatos.

Certo nos parece, outrossim, que não
se trata de mero passatempo ou brinquedo de ín-
dio ocioso, segundo aventam alguns autores; mes-
mo porque o grande número de petroglifos, for-
mando belos conjuntos, em ilhas de difícil a-
cesso e gravados com pedra em outra pedra du-
ríssima, representa esforço demasiado grande
para ser mero passatempo. Acresce que muitos
conjuntos, evidentemente, obedeceram a um pla-
no premeditado e prèviamente esboçado. De mais
a mais, na Ilha de Pôrto Belo, Ilha do Arvore-

do e Ilha do Campeche, os petroglifos cobrem paredões de difícil acesso. Aquêles petroglifos foram executados por homens, trabalhando durante horas e horas, dias seguidos, em posições as mais incômodas e, às vezes, como que colados à rocha. Para tirar as simples cópias dos petroglifos da Ilha de Pôrto Belo, vimos-nos forçados a trabalhar, durante horas, amarrado a cordas. Parte dos petroglifos da Ilha do Campeche encontram-se a alturas perigosas de seis a oito metros. São alcançados, apenas, por estreitas plataformas, que não suportam duas pessoas, lado a lado. Não foram copiados pela impossibilidade de alcançá-los sem andaimes e pelo perigo manifesto de despencar-se do alto abaixo e despedaçar-se nas rochas do fundo.

Tudo isto parece indicar que os petroglifos, ao contrário de brincadeira de índio ou lugares comuns, possuam para o índio grande importância. Hipótese esta confirmada e robustecida pela localização dos petroglifos em praias as mais brabas e furiosamente batidas pelos vagalhões do mar alto; portanto, lugares que incutem medo, respeito e pavor.

Isto nos leva a crer que os petroglifos possam ter significado mágico religioso, destinando-se a tornar propícia a caça e a pesca; fatores êstes, dos quais o índio dependia essencialmente na sua subsistência quotidiana.

Esta interpretação aproximaria os petroglifos dos hieroglifos, que eram símbolos sagrados, gravados pelos sacerdotes em pedra ou outra matéria resistente.

Um dos motivos de desenho, que se repete com mais freqüência, em tôdas as Ilhas, associado aos conjuntos os mais diversos, são círculos concêntricos. Na Ilha do Arvoredo constatamos, com surpresa, que círculos idênticos existem, desenhados ao natural, nas asas de certas espécies de arraia, que os pescadores haviam apanhado em suas rêdes.

PETROGLIFOS DA ILHA "JOÃO CUNHA"

DE

PÔRTO BELO

Pôrto Belo é cidadezinha balneário, distante sessenta e quatro quilômetros de Florianópolis, capital catarinense. Defronte de Pôrto Belo, a quatrocentos metros da praia, situa-se pequena ilha despovoada, de oitocentos metros de comprimento por quatrocentos de largura máxima, atualmente coberta de mata arbustiva e de capoeiras. Na voz do povo tem o nome de "Ilha João Cunha". As águas da enseada de Pôrto Belo, entre ilha e continente, são muito mansas e límpidas. A ilha, que conta com vertentes de água perene, está sendo muito visitada por pescadores profissionais e amadores.

No tôpo, quase ao centro da ilha, à altitude de uns trinta metros, distante duzentos metros da praia, encontra-se extenso lajeado de granito. Do lado sul, êste lajedo eleva-se muito pouco acima do nível do solo, sendo, daquele lado, fãcilmente alcançado. A face, porém, que dá para o mar alto forma um plano, fortemente inclinado, que se acha coberto de petroglifos, entalhados na rocha, um a três milímetros e com quarenta milímetros de largura máxima. A superfície interna dos entalhes é polida e lisa ao tato.

Os petroglifos formam dois grupos separados, entre si, algo mais que um metro. O maior dêles ocupa, aproximadamente, quatro metros quadrados de superfície (Fig. 1). Neste grupo, a começar de baixo para cima, temos quatro retas, formando um losango, cujas diagonais teriam cinqüenta e vinte e cinco centímetros de comprimento. O losango é ladeado de um

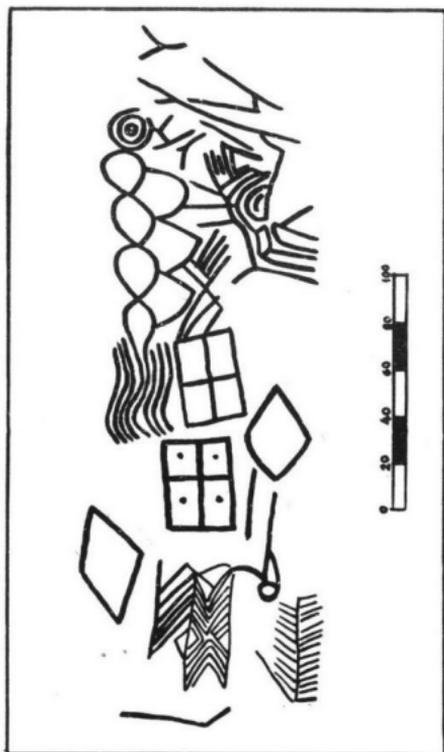


Fig. 1 - Petroglifo da Ilha "João Cunha", de Pôrto Belo.

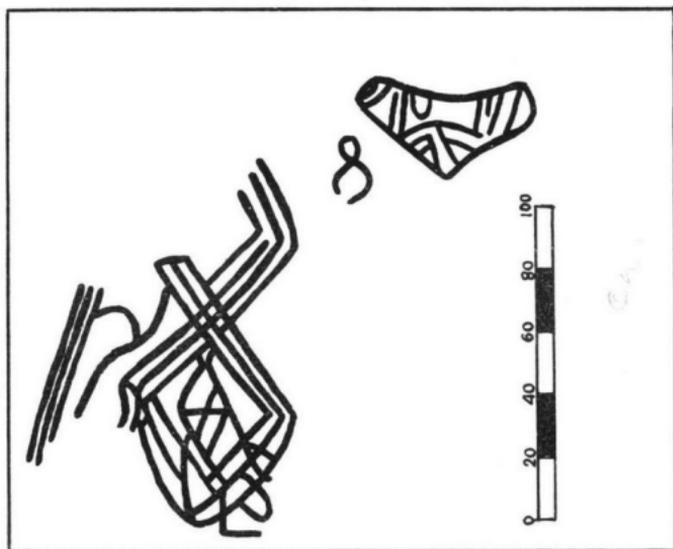


Fig. 2 - Petroglifo da Ilha "João Cunha", de Pôrto Belo.

ideograma de cinqüenta e dois centímetros de altura e trinta centímetros de largura, formado por três retas verticais paralelas e equidistantes, ligadas entre si por uma série de paralelas oblíquas, umas simples, outras quebradas. Este motivo era muito popular entre os autores dos petroglifos. É encontrado, em escala maior ou menor, em tôdas as outras ilhas. Ao lado do ideograma descrito temos uma gravação que reproduz, com bastante perfeição, as nervuras de uma fôlha vegetal. Consta de uma reta vertical, da qual partem, alternadamente, linhas paralelas oblíquas de um e do outro lado.

Quinze centímetros acima, avistamos um paralelogramo, dividido em quatro partes iguais de quinze a vinte centímetros de lado, ostentando pontos no meio.

Do lado direito do paralelogramo, aparece segundo losango, cujo vértice se prolonga por meio de uma reta, que termina em anel, junto do desenho das nervuras de fôlha.

Dez centímetros acima do primeiro, existe segundo paralelogramo análogo, apenas menos largo, que, do lado esquerdo, acha-se ladeado por uma série de oito paralelas onduladas. Também este ideograma, de paralelas onduladas, é bastante popular, repetindo-se nos petroglifos de diversas outras ilhas.

Duas paralelas prolongam-se para cima, entrelaçando-se e formando quatro ovóides, sendo o último deles, quase circular e tangente com três círculos concêntricos, com ponto no centro. O diâmetro maior dos ovóides é de vinte e três centímetros e o diâmetro menor de dezesseis centímetros, sendo este, também, o diâmetro do maior dos círculos concêntricos.

Os ovóides estão ladeados de quatro semi-ovóides, que encaixam nos primeiros. Os semi-ovóides, por seu turno, ligam-se a extenso ideograma, formado por paralelas, umas cur-

vas, outras retas, seguindo direções diversas e partindo umas das outras, algumas delas cruzando outras e formando quadriláteros irregulares. Este conjunto possui um metro de altura e cinquenta centímetros de largura.

No segundo grupo de petroglifos da Ilha João Cunha (Fig. 2), temos, a começar de baixo para cima, três retas paralelas verticais eqüidistantes, ladeadas de um ideograma, composto de três números oito concêntricos e abertos na parte superior. A parte inferior destes oito está preenchida por linhas irregulares. Este ideograma possui cento e vinte centímetros de altura e oitenta de largura. Acima dele existe, como que outro oito, aberto na parte superior, porém, de apenas vinte centímetros de altura e doze centímetros de largura.

Este oito, por seu turno, está ladeado de outro motivo, bastante original, que lembra as asas de um avião, de cinquenta centímetros de expansão e vinte e cinco centímetros de largura, internamente preenchidos por uma série de linhas curvas irregulares em direção e em comprimento.

PETROGLIFOS DA PRAIA DO SANTINHO

A Praia do Santinho é uma praia deserta do nordeste da Ilha de Santa Catarina. Fica oposta à Praia dos Inglêses e dela separada, meio quilômetro, por dunas móveis. As duas praias, bem como as dunas, vão morrer junto a um cabeço rochoso, chamado "Ponta dos Inglêses".

A Praia do Santinho tem o seu nome derivado de um petroglifo, em forma de boneco, gravado em um bloco de diabásio, ao qual o povo simples dos arredores tributava culto,

acendendo velas no local. Sem estarmos a par destas ocorrências, a vinte e cinco anos passados, junto com outras itacoatiaras da mesma praia, transportamos ao museu este pretense "Santinho". Soubemos, ao depois, que este nosso gesto provocara indignação entre os pescadores, que presumiam ter verificado sensível diminuição do pescado, após a retirada da "Pedra do Santinho".

Junto à Praia do Santinho, onde toma início o cabeço rochoso, num lajedo de diabásio, observam-se dezenas de superfícies de alisamento, em forma de prato, onde os índios, outrora, afiavam os seus implementos líticos. Parte destes "moinhos de bugre" acham-se encobertos por terra e grama.

Seguindo o cabeço rochoso, uns duzentos metros, ao longo da praia, alcançamos alguns paredões verticais de diabásio negro. É o local dos petroglifos, que formam quatro grupos separados.

O primeiro dêles (Fig. 3) é um ideograma de setenta e cinco centímetros de altura e setenta de largura, formado por uma linha horizontal, acima da qual erguem-se dez linhas onduladas paralelas verticais. As cinco linhas da esquerda possuem fases inversas, ondulações opostas às cinco linhas da direita. O espaço aberto, que fica no centro livre, é preenchido por duas linhas mais curtas, unidas pelas extremidades, formando, como que uma ponta de lança. Este motivo, de linhas onduladas paralelas, variando algo em formato e tamanho, é encontrado, também, em petroglifos das outras ilhas.

Em plano pouco mais elevado, três metros distante do primeiro, encontramos segundo grupo. É composto de duas séries de seis anéis concêntricos, paralelas (Fig. 4). Os anéis da primeira série são simples, tendo dez centímetros de diâmetro e, cada qual, com duas linhas cruzadas no centro, exceto o último, que apre-

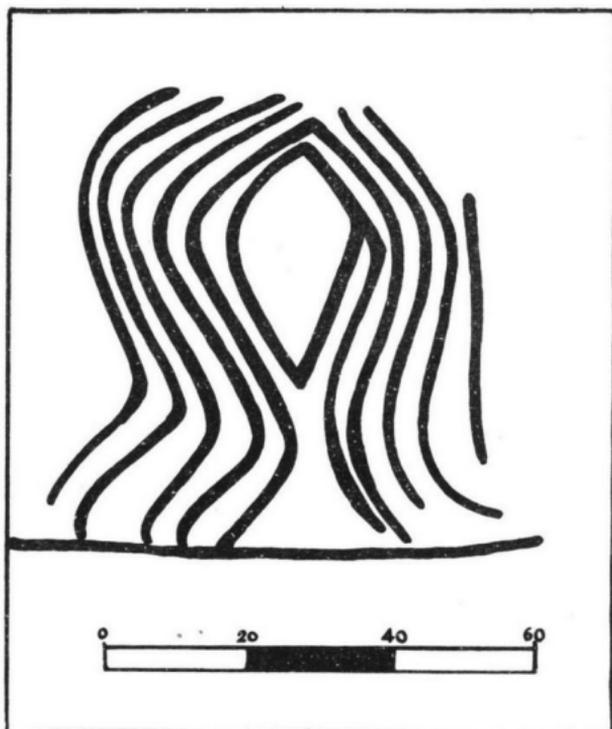


Fig. 3 - Petroglifo da Praia do Santinho.

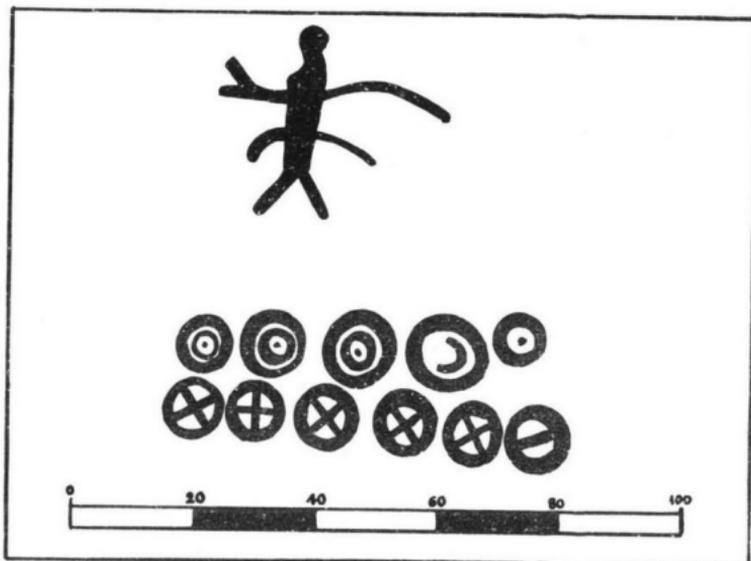


Fig. 4 - Petroglifo da Praia do Santinho.

senta, apenas, uma linha que passa pelo centro. A segunda série é composta de anéis concêntricos, dois de cada vez, com ponto no centro. Os anéis concêntricos representam motivo muitíssimo popular, entre as populações primitivas de toda a América, segundo atesta Koch-Grünberg em "Südamerikanische Felszeichnungen".

Vinte centímetros acima dos anéis ergue-se uma figura humana estilizada, toda entalhada na rocha. Possui quarenta e dois centímetros de expansão dos braços. As pernas, relativamente curtas, possuem nove centímetros e a cabeça tem quatro centímetros de diâmetro. Partindo do tronco, à meia altura dos braços, aparece como que segundo par de braços de vinte e cinco centímetros de expansão.

O terceiro grupo situa-se três metros abaixo do precedente. A semelhança do anterior é composto de duas partes separadas (Fig. 5). A primeira parte é o extenso ideograma de cento e trinta centímetros de largura e oitenta de altura, formado por três retas horizontais, das quais se elevam paralelas onduladas. As retas horizontais acham-se colocadas, uma após outra, quase à mesma altura. As paralelas onduladas verticais, à semelhança do ideograma descrito para o primeiro grupo, formam séries com ondulações de fases inversas; possuem, porém, menor amplitude que no primeiro grupo. Os espaços vazios, que ficam no meio das séries, são atravessados por retas horizontais. Algumas das paralelas onduladas apresentam bifurcações. A distância entre as paralelas verticais onduladas é de dois a três centímetros.

Quinze centímetros acima do ideograma descrito, encontramos a segunda parte deste grupo. É formado por quatro linhas horizontais e dez retas verticais, formando quadriláteros, cujos lados oscilam ao redor de dez centímetros de comprimento. Alguns quadriláteros estão incompletos e a segunda linha horizontal é algo

curvilínea. O conjunto possui sessenta e cinco centímetros de largura e trinta centímetros de altura.

O quarto grupo encontra-se no t^op^o da rocha, olhando para o oeste, enquanto os outros grupos olham para o sul. É pequeno e pouco expressivo. Compõe-se de duas partes. A primeira parte é pequeno ideograma, composto de uma reta horizontal, da qual se elevam paralelas onduladas verticais, formando duas séries com fases inversas. Algumas das paralelas onduladas verticais estão incompletas, possivelmente já erodidas pelas intempéries.

A vinte centímetros dêste, à mesma altura, encontramos a segunda parte dêste grupo, composto de uma série de traços verticais, alguns deles ligados entre si. Os traços são muito fracos, possivelmente já alterados por fatores geológicos.

PETROGLIFOS DA ILHA DO ARVOREDO

A Ilha do Arvoredo situa-se uns 12 quilômetros ao norte da Ilha de Santa Catarina. Do continente dista algo mais. Possui seis quilômetros de comprimento e quatro quilômetros de largura. Acha-se quase t^oda coberta de matas. Está rodeada de rochas e pedras. Na ponta sul localiza-se um farol, rodeado de uma dúzia de prédios que abrigam o pessoal administrativo da marinha.

No norte da Ilha existe um galpão da marinha, em mau estado de conservação. Foi aberto estreito canal, entre as pedras da praia, que, em dias de mar calmo, dá acesso precário às baleeiras dos pescadores. Junto àquela praia situa-se um sambaqui de vinte metros de diâme-

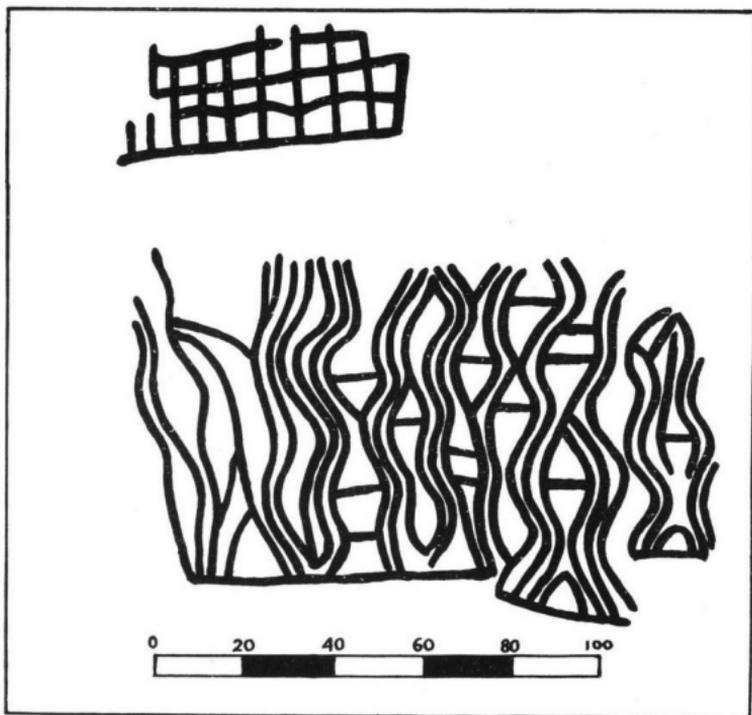


Fig. 5 - Petroglifo da Praia do Santinho.

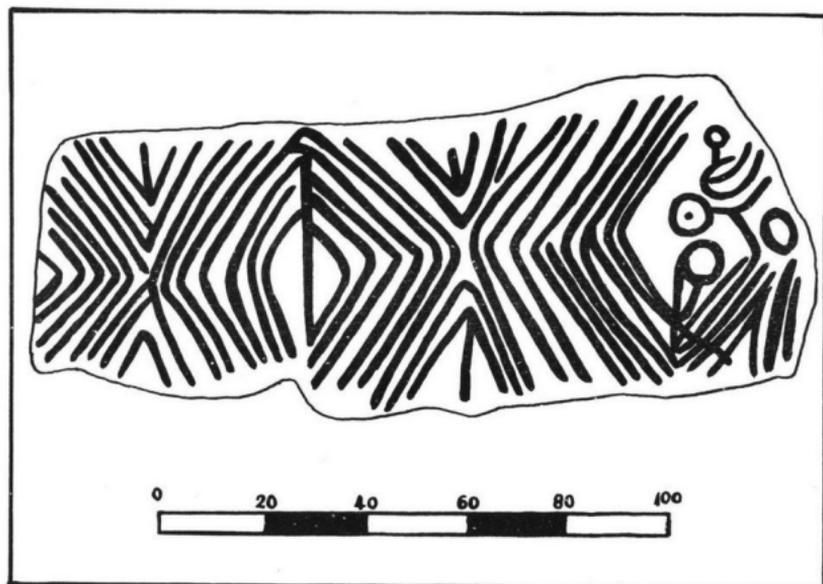


Fig. 6 - Petroglifo da Ilha do Arvoredo.

tro e três metros de altura. Foi parcialmente destruído por ocasião da construção do galpão da marinha. Narram os pescadores que, naquela ocasião, foram destruídos passante de vinte es-
queletos humanos. Outro esqueleto foi pôsto a descoberto pelos suínos e galináceos de um sitiante, que outrora estava radicado no norte da ilha. O crânio situava-se sob uma pedra e foi por nós retirado. Possui as características dos crânios dos povos dos sambaquis.

Nas pedras dos arredores encontram-se algumas superfícies de alisamento, em forma de prato, revelando o trabalho indígena. As águas que banham a ilha do Arvoredo são muito ricas em pescado, freqüentadas por barcos de pesca. Durante os dois dias da nossa permanência na Ilha, as rêdes das duas baleeiras, que nos haviam trazido à Ilha, colheram cinco grandes cações, cada qual de setenta quilos de pêso.

Os petroglifos acham-se gravados em rochas diabásicas do norte da Ilha do Arvoredo, mil e quinhentos metros ao oeste do galpão da marinha. Em dias de calma podem ser alcançados por mar. Nos dias de mar agitado, porém, é preciso abrir picada através do entrançado da mata, o que representa duas horas de trabalho árduo no manejo do facão. A Ilha tem fama de estar infestada de jararacas. Da nossa parte devemos confessar que, por duas vêzes, abrimos picada através do mato até os petroglifos e outra vez, atravessamos a Ilha de norte a sul, sem jamais topar um exemplar de ofídio.

Os petroglifos da Ilha do Arvoredo formam três grupos, distanciados, entre si, cinquenta metros. O primeiro grupo, mais próximo do galpão da marinha, é um ideograma que cobre a superfície, quase plana, de um bloco isolado de diabásio (Fig. 6). O bloco possui cento e cinquenta e cinco centímetros de comprimento e sessenta e cinco centímetros de largura máxima. O ideograma é composto de uma série de linhas quebradas verticais, formando, cada

qual, um ângulo de noventa graus. As linhas aumentam cada vez mais em comprimento e, depois de seis linhas de uma fase, seguem seis linhas de fase inversa e, a seguir, um traço vertical. Depois do traço vertical repetem-se, novamente, seis linhas quebradas de uma fase e, desta vez, oito linhas de fase inversa.

Os intervalos que ficam entre as séries de fases inversas estão preenchidos com linhas quebradas horizontais, umas abrindo o ângulo para cima e outras para baixo. A última linha forma um ângulo obtuso de 130 graus, que se acha preenchido com alguns anéis e linhas curvas irregulares.

O segundo grupo de petroglifos da Ilha do Arvoredo cobre um paredão de diabásio, revestido de líquenes e de limo. Acha-se, além disto, bastante apagado. Parece constar, principalmente, de pontos e ovóides, entalhados na rocha. Por ser pouco expressivo e repetir-se mais nitidamente no terceiro grupo, este segundo grupo não foi copiado.

O terceiro grupo (Fig. 7), de cinco metros e meio de comprimento por metro e quarenta de largura máxima, reúne uma série de motivos, encontrados, também, em petroglifos de outras ilhas, tais como círculos concêntricos, círculos simples com pontos ou linhas cruzadas no centro, figuras humanas estilizadas, linhas onduladas verticais e grande número de pontos e ovóides, entalhados na rocha. Cobre um paredão de rocha diabásica que se eleva obliquamente, partindo da praia e olhando para o oeste. É composto de três partes, algo separadas entre si.

A primeira parte inicia-se com onze anéis simples de dez centímetros de diâmetro, com pontos ou retas cruzadas no centro e dispostos em três filas verticais. Ao lado deles acha-se disposta uma fila horizontal de quatro anéis simples de diâmetro maior, com retas cru

zadas no centro. Estes anéis acham-se encimados por três filas de pontos, traços curtos e ovóides, entalhados na rocha. Os ovóides possuem uns cinco centímetros de diâmetro maior. Abaixo da fila dos anéis horizontais existem três figuras estilizadas de homens, cada qual com um anel na mão e outro nos pés. As três figuras humanas acham-se entreligadas entre si. Ao lado direito dêste motivo, aparecem duas filas verticais de oito anéis simples, com pontos no centro, ladeados, por seu turno, por quatro linhas onduladas verticais, duas a duas, com fases inversas e algumas bifurcações. Estas onduladas sobem acima dos anéis e ligam-se em cima a duas filas verticais de anéis concêntricos, tendo cada fila cinco unidades de dois anéis concêntricos, com quinze centímetros de diâmetro maior.

Ladeando a parte superior das linhas onduladas, aparecem oito filas horizontais de pontos e ovóides, cobrindo uma superfície de quarenta centímetros. Acima destas elevam-se quatro linhas onduladas verticais, duas a duas, com fases inversas. A parte inferior das linhas onduladas acha-se ladeada por dois anéis concêntricos e um anel simples, que se encaixam nas ondulações.

Um fendilhamento da rocha obrigou o artista pré-histórico a interromper, aqui, a seqüência do seu trabalho e continuá-lo meio metro mais adiante, com a segunda parte dêste terceiro grupo. Esta possui metro e oitenta de comprimento por metro e dez de largura. Compõe-se de dois grandes conjuntos de ovóides, separados entre si por quatro linhas onduladas verticais, duas a duas, com fases inversas. Os intervalos que ficam entre as fases acham-se preenchidos por anéis simples, exceto um, que foi preenchido por quatro ovóides. O primeiro conjunto de ovóides cobre a área de seiscentos centímetros quadrados. É composto de sete filas horizontais de ovóides, tendo cada fila dez

a onze unidades. O segundo conjunto de ovóides ocupa uma superfície de setecentos centímetros quadrados. Apresenta-se mais irregular que o precedente, tanto na direção das filas, bem como no tamanho e número dos ovóides componentes, que varia de onze a dezesseis unidades. A terceira parte dêste grupo acha-se dez centímetros distante da segunda parte e ocupa um metro quadrado de superfície. É composto de sete filas algo irregulares de ovóides. As primeiras cinco filas possuem vinte a vinte e três unidades e as duas últimas filas possuem, respectivamente, onze e dezoito unidades. As duas primeiras filas estão seguidas por dois anéis concêntricos. Entre a quinta e a sexta fila, existem alguns traços irregulares.

PETROGLIFOS DA ILHA DO CAMPECHE

A Ilha do Campeche possui, aproximadamente, oitocentos metros de comprimento por trezentos metros de largura máxima. Situa-se em alto mar, do lado sudeste da Ilha de Santa Catarina, distando dela, em linha reta, uns três quilômetros. Devido às correntes marítimas, porém, somente é alcançada, partindo da Armação do Sul, localidade situada seis quilômetros ao sul da Ilha do Campeche. Armação do Sul é uma das históricas Armações de Baleia do tempo do Império.

Ao contrário da Ilha do Arvoredo, Campeche possui pôrto arenoso, do lado da Ilha de Santa Catarina, que dá acesso fácil às baleeiras dos pescadores. A travessia, à baleeira motorizada, é feita em trinta minutos.

A Ilha é propriedade do Clube de Caça e Pesca "Couto de Magalhães", que possui nela espaçosa residência, com água encanada, ge-

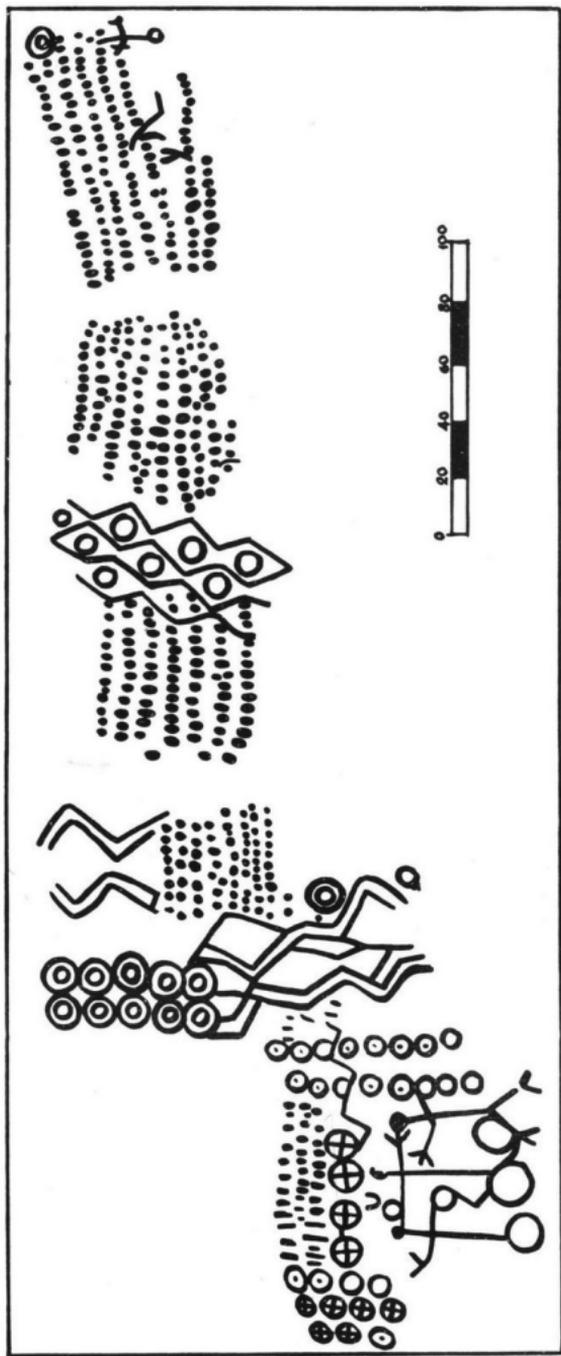


Fig. 7 - Petroglifo da Ilha do Arvoredo.

rador de energia elétrica e aparelhamento completo para a pesca individual e caça submarina. Uma casa de veraneio isolada e dois ranchos, que abrigam os pescadores à noite, completam as construções da Ilha.

Constituída de um único bloco rochoso de origem vulcânica, a Ilha acha-se rodeada de rochas, exceto o pôrto arenoso de uns cento e cinqüenta metros de boca. É revestida de capoeiras e mata baixa. Em muitos lugares, blocos erráticos de granito e a própria rocha afloram à superfície. Em decorrência da proteção dispensada à caça, encontram-se na Ilha ponbas, aracuãs e aves menores. Os coatis aproximam-se da residência aos bandos e, encontrando a desguarnecida, carregam com tudo que encontram de comestível. Existem na Ilha, também, algumas pacas, trazidas de fora.

A Ilha do Campeche possui vertentes de água potável e os seus arredores são riquíssimos em pescado. Durante os dois dias, que nos detivemos na Ilha, caíram passante de quarenta toneladas de sardinhas nas rês dos pescadores. A água é absolutamente límpida e transparente. Tivemos ensejo de divisar grande variedade de pescado por entre as pedras do fundo, que ocupam o lado leste da Ilha, onde a ação demolidora das vagas é particularmente intensa.

Campeche é a Ilha mais rica em petroglifos, de que temos conhecimento. Nas suas praias encontram-se, também, numerosos pratos de alisamento, onde o índio, outrora, alisava os seus implementos líticos. Não temos notícia da existência, na Ilha do Campeche, de outro tipo de sítio arqueológico, sambaqui ou sítio de sepultamentos. Possivelmente isto seja devido à ação demolidora das ondas que, em períodos de marés, muito altas e agitadas, modificam todo o aspecto do pôrto. No decorrer dos milênios podem ter desagregado ou sepultado

sob as areias das dunas todo um sítio localiza do na bôca do pôrto.

Encontramos petroglifos nas praias do norte, do centro e do sul da Ilha do Campeche. Os petroglifos do norte, segundo informações do Dr. Luiz D'Acampora, primeiro dono da Ilha, foram, na maioria, dinamitadas por caçadores de tesouros. O que atualmente resta naquela praia são vestígios inexpressivos.

Os petroglifos mais numerosos existem no "Confôrto", nome dado pelos componentes do Clube à praia central leste da Ilha, que dá para o mar alto e onde existem numerosos e extensos paredões de diabásio negro, aflorando por entre os diques de granito.

No "Confôrto" existem três grupos se parados de petroglifos. Na parte norte, em volumoso bloco de diabásio negro, divisamos, a grande distância, nítidamente gravadas na rocha, as figuras estilizadas de três mamíferos e ao lado uma ponta de virote (Fig. 8). Pouco acima, outro bloco acha-se coberto com as características linhas quebradas paralelas verticais (Fig. 9). Cinquenta metros distante, em direção sul, em um bloco menor, acha-se gravada outra figura estilizada de mamífero e ao lado, grande bloco com o ideograma, composto de paralelas quebradas verticais (Fig. 10).

Cento e cinquenta metros distante, em direção sul, existe enorme paredão de diabásio colunar, que ostenta grande parte de sua superfície coberta por petroglifos, alguns deles em alturas consideráveis de sete a oito metros e de difícil acesso. Grande parte destes petroglifos não foram copiados, pela impossibilidade de alcançá-los sem andaimes. Aos conhecidos ideogramas de linhas paralelas, pontos e ovóides, associa-se, naquele paredão, um motivo novo, constando de grande número de triângulos cheios, entalhados na rocha e dispostos em filas simétricas. Devido às dificuldades de acesso não foi possível copiar os petroglifos daquele paredão (Fig. 11).

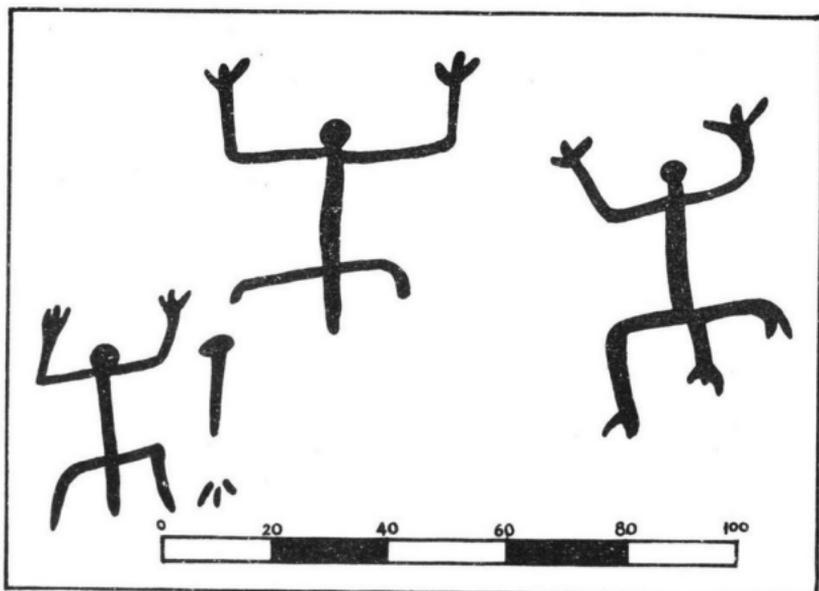


Fig. 8 - Petroglifo da Ilha do Campeche.

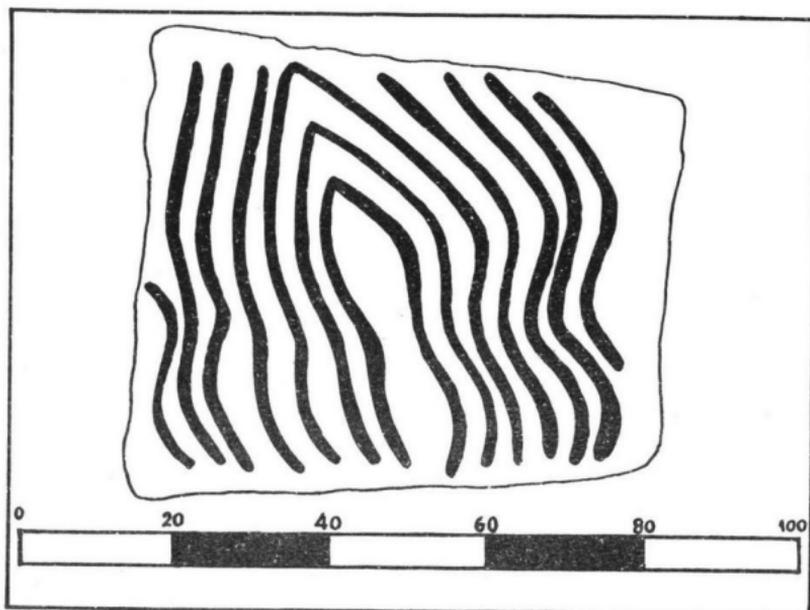


Fig. 9 - Petroglifo da Ilha do Campeche.

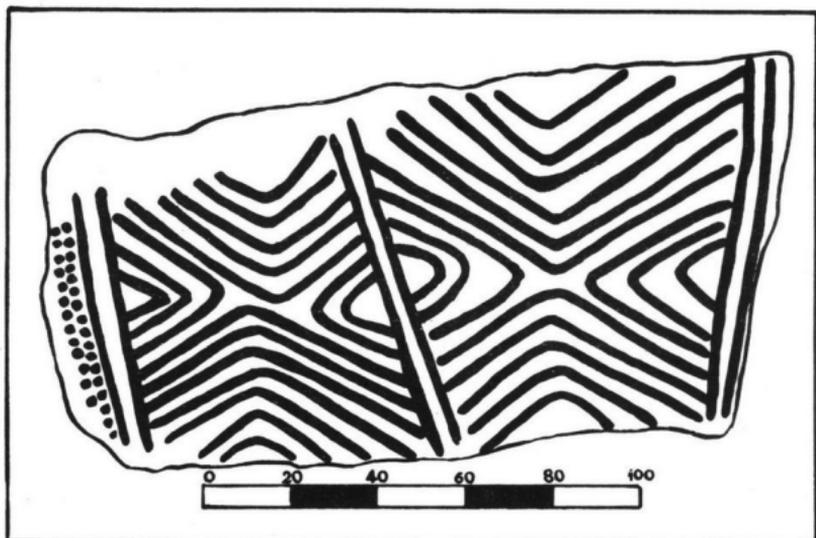


Fig. 10 - Petroglifo da Ilha do Campeche.

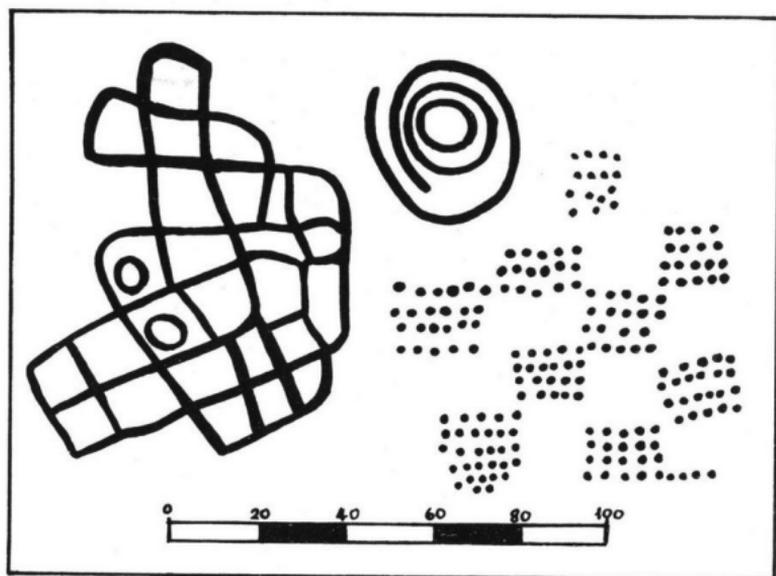


Fig. 11 - Petroglifo da Ilha do Campeche.

Ao pé dêste grupo, numa plataforma inclinada, à altura de uns seis metros e invisíveis da praia, acha-se gravado outro grupo original (Foto 1). Consta de vinte e seis quadriláteros irregulares, formados por linhas entrelaçadas. O conjunto, que possui noventa centímetros de comprimento por setenta de largura, é ladeado por dois círculos concêntricos, rodeados por uma linha em espiral e pelo conjunto de pontos. Os pontos estão dispostos em forma de quadriláteros, formados por quatro filas de pontos, tendo cada fila de quatro a seis pontos. Os quadriláteros estão dispostos em forma de xadrez. A cada quadrilátero de pontos segue um espaço igual vazio.

Dez metros distante dêste grupo num paredão vertical de diabásio, acha-se gravado outro conjunto (Fig. 12). Consta de uma figura estilizada, com quatro dedos em uma mão e cinco na outra, nitidamente delineados. Não se sabe bem se representa uma figura animal ou figura humana. Acha-se encimada por uma fila de cinco anéis, sendo quatro simples com ponto no centro e um que ocupa o centro da fila, formado por dois anéis concêntricos. Por baixo da fila existe um anel simples com ponto no centro. Ladeando a figura humana e os anéis, achase gravada uma linha horizontal, encimada por seis linhas onduladas verticais. Este ideograma, por seu turno, acha-se ladeado por conjuntos de traços curtos, formando ângulos, sendo um dos traços continuado com grande linha curva. Afastado poucos metros dêste conjunto, sobre as rochas da base, ergue-se um volumoso bloco isolado de diabásio, que apresenta a face plana coberta com o popular ideograma de linhas quebradas paralelas, encaixadas em paralelas verticais. O ângulo formado pela última linha quebrada acha-se preenchido por dois anéis concêntricos. O ideograma, que ocupa a superfície de um metro quadrado, é visível a grande distância (Fig. 13).

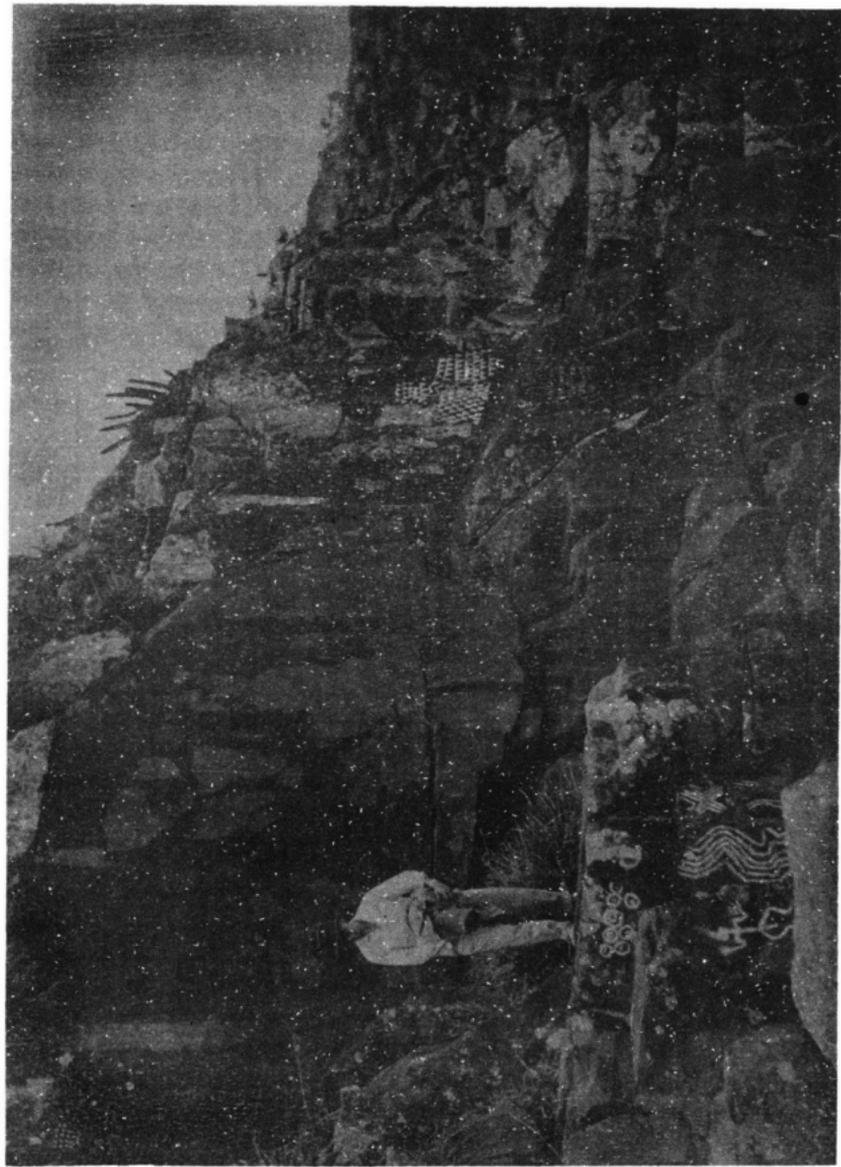


Foto 1 - Petroglifos da Praia do "Confôrto", Ilha do Campeche.

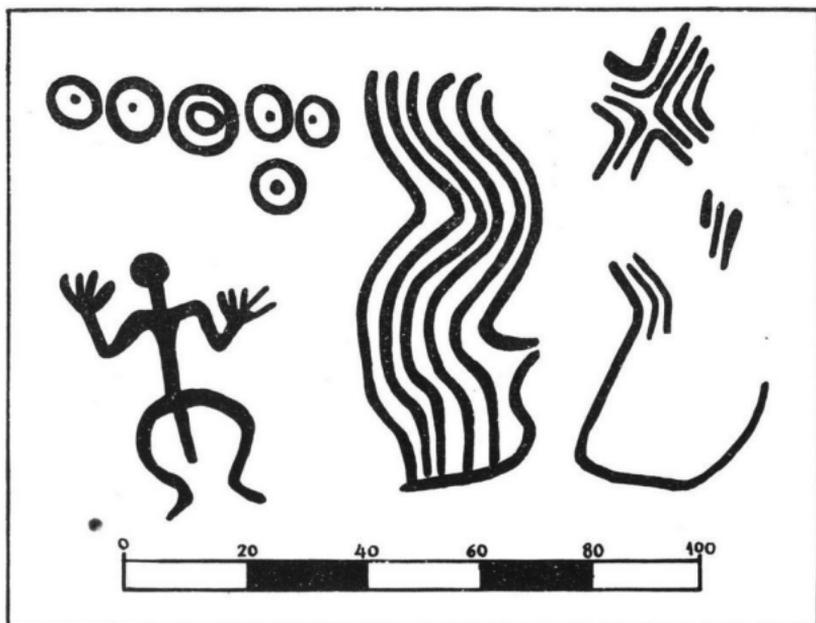


Fig. 12 - Petroglifo da Ilha do Campeche.

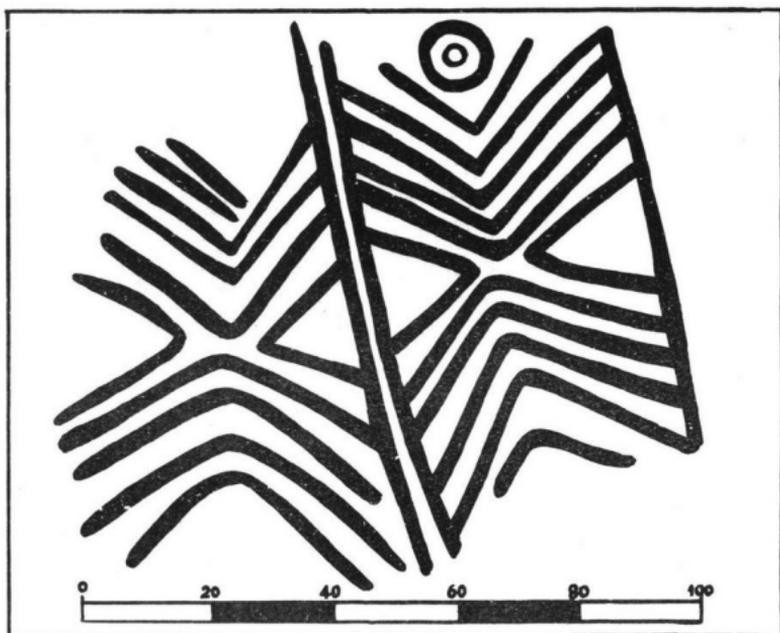


Fig. 13 - Petroglifo da Ilha do Campeche.

Em outro costão rochoso da praia, afastado duzentos metros do precedente, encontramos o terceiro local de inscrições rupestres da Ilha do Campeche. Os integrantes do Clube de Caça e Pesca impuseram àquela praia o nome de "Triste". Nas inscrições da praia "Triste" repetem-se, em grande parte, motivos já conhecidos, como círculos concêntricos, um deles até com raios, lembrando roda atual; linhas paralelas quebradas ou onduladas e um motivo novo, constando de paralelogramos, uns maiores, outros menores, todos cheios e dispostos em filas simétricas, alternando-se os maiores com os menores (Fig. 14).

PETROGLIFOS DA ILHA DOS CORAIS

A Ilha dos Corais é pequena Ilha rochosa, situada dez quilômetros ao sul da Ilha de Santa Catarina. Do continente dista cinco quilômetros. Possui três quilômetros de comprimento e menos de um quilômetro de largura máxima. Existe nela um farol e, de dois anos para cá, estabeleceu-se nela também um sitiante, viúvo com duas crianças. Abriga-se miseravelmente em um rancho, coberto de sapé e sustenta-se dos produtos de pequena roça. O restante da Ilha acha-se coberto de mata rasteira e capoeiras.

A Ilha dos Corais é alcançada do continente, a partir da Praia da Pinheira. A travessia, à baleeira motorizada, é feita em quarenta e cinco minutos. A Ilha acha-se toda rodeada de rochas e pedras e não possui porto. É preciso saltar, diretamente, da baleeira na rocha, o que é possível, apenas, com mar de pequenas vagas. Assim mesmo a manobra exige perfeito conhecimento do local e grande perícia da

parte do capitão da lancha, para esta não bater e arrebentar-se de encontro às rochas.

A Ilha dos Corais é muito interessante, sob o ponto de vista arqueológico. No nordeste da mesma, existe um dos mais belos conjuntos de petroglifos de que temos conhecimento. O sitiante, além disto, descobriu em sua rocinha, importante sítio de sepultamentos. Na superfície do mesmo, recolhemos cerâmica e diversos artefatos líticos, que parecem indicar que se trata de um sítio semelhante ao Sítio Arqueológico da Praia da Tapera. - Também na praia sul da Ilha existem petroglifos. Estes, porém, são pouco expressivos.

O grande conjunto de petroglifos do nordeste da Ilha dos Corais cobre um paredão vertical de rocha diabásica, que se eleva a poucos metros da praia. Possui dois metros de altura e dois metros e trinta centímetros de largura. Compõe-se de motivos, assinalados também nas outras ilhas. Alternam-se nêles numerosos círculos concêntricos, alguns de grande diâmetro, com triângulos cheios, figuras estilizadas de homens ou mamíferos, semelhantes aos que se observam também na Ilha do Campeche. O diâmetro dos círculos concêntricos maiores alcança vinte e cinco centímetros; enquanto os menores possuem, apenas, dez centímetros de diâmetro. Da parte de um dos círculos maiores partem retas, em forma de raios e de outro círculo partem curtas linhas onduladas paralelas (Fig. 15).

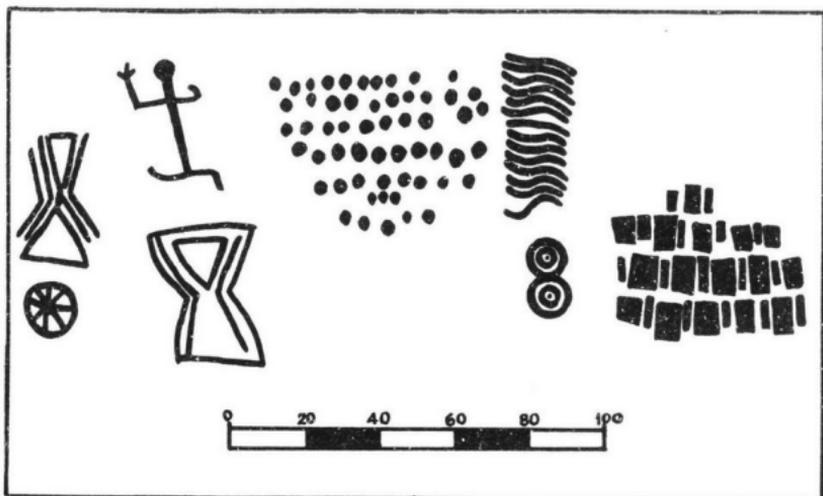


Fig. 14 - Petroglifo da Ilha do Campeche.

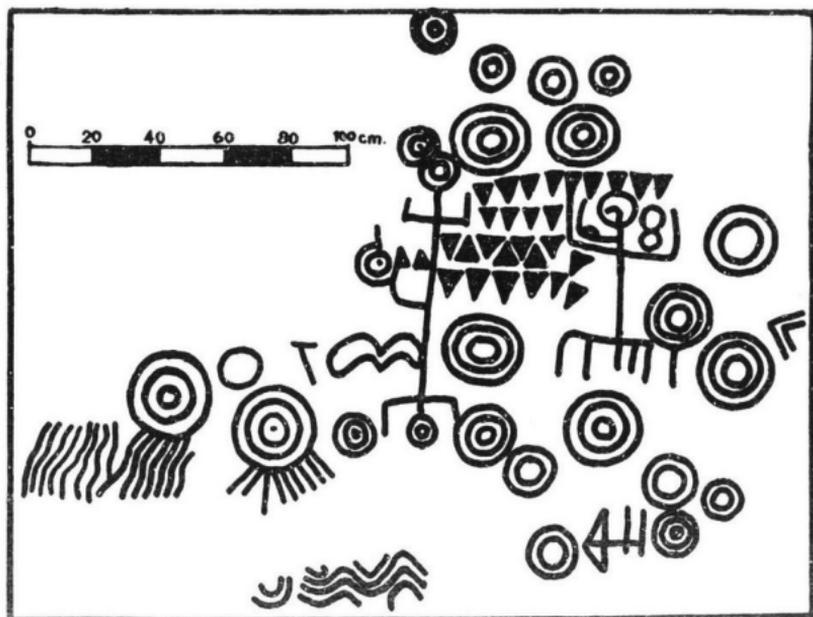


Fig. 15 - Petroglifo da Ilha dos Corais.

NOTA:

As ilustrações que acompanham a presente publicação representam cópia fiel, em escala reduzida, dos petroglifos existente na Ilha de S. Catarina e ilhas adjacentes. Foram conseguidas da seguinte maneira:

1. Retocados os petroglifos com giz branco, colocamos sôbre os mesmos papel transparente comum (papel manteiga) e copiamos os traços em tamanho natural, usando "pincel atômico".
2. No laboratório, tornamos a copiar os petroglifos, em tamanho natural, colocando papel vegetal (transparente) sôbre as cópias originais.
3. Do papel vegetal foram feitas cópias heliográficas (tamanho natural).
4. As cópias heliográficas foram reforçadas, com tinta prêta, inalterável à luz, para fins de exposição, em murais, no Museu.
5. As cópias heliográficas reforçadas foram fotografadas junto com a escala (100 cm).
6. Para fins de nitidez, os petroglifos, na escala reduzida, foram, novamente, copiados das fotografias, em papel vegetal. Esta cópia, finalmente, forneceu os clichês.

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** — Inácio Schmitz, SJ. — Pesquisas 1, 1957, 122—142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** — José de Moura, SJ. — Pesquisas 1, 1957, 143—180, 293—295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** — Inácio Schmitz, SJ. — Pesquisas 2, 1958, 113—143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 3, 1959, 199—266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** — Inácio Schmitz, SJ. — Pesquisas 3, 1959, 267—324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 6; 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de Sta. Catarina e Paraná** — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas** — J. Hasler — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 9, 17 pp.
10. **Os Münkü. 2.ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** — José de Moura, SJ. — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien.** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Anthropologia nr. 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sôbre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 1961, Anthropologia nr. 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Anthropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961)** — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 1962, Anthropologia nr. 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga** — Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 1966, Anthropologia nr. 15, 61 pp. 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** — Pedro Ignacio Schmitz, S. J. e outros — Pesquisas 1967, Anthropologia nr. 16, 58 pp, 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** — João Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 1967, Anthropologia nr. 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** — Pesquisas 1968, Anthropologia nr. 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.

VALE DO RIO DOS SINOS

Revista da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos

Publica trabalhos de pesquisa e artigos dos Professôres e Alunos da Faculdade, nos campos sócio-econômico-doutrinários.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Enderêço:

Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos
Praça João Pessoa, 35 — Tel. 16 — São Leopoldo, RS,
Brasil.

ESTUDOS LEOPOLDENSES

**Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
de São Leopoldo**

Publica trabalhos de pesquisa dos Professôres e formados da Faculdade, nos seguintes setores:

História e Ciências Sociais

Educação

Filosofia

Letras

História Natural

Matemática

Pode ser conseguida em volumes, contendo todos os artigos, ou em cadernos separados por setores.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Enderêço:

Estudos Leopoldenses — Praça João Pessoa, 35 —
São Leopoldo, RS, Brasil.